

Literacia para os *media*
Media Lab, um projecto do Diário de Notícias

Tânia Filipa Mora Esteves

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da
Comunicação – Estudos dos Media e do Jornalismo**

Outubro, 2016

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação - Estudos dos Media e do Jornalismo realizado sob a orientação científica de Carla Baptista.

*Dedicado aos meus pais, Lurdes e Luís,
às minhas irmãs, Raquel e Guida
e ao Flávio.*

Agradecimentos

A todas as pessoas que me acompanharam ao longo do Mestrado.

Um obrigado especial à equipa do Media Lab Diário de Notícias, sem eles o estágio não teria sido a mesma coisa.

Agradeço à minha orientadora, Carla Baptista, pela ajuda.

Literacia para os *media*

Media Lab, um projecto do Diário de Notícias

Tânia Filipa Mora Esteves

Resumo

O papel dos *media* enquanto instrumento de participação activa dos cidadãos na sociedade, mais concretamente dos jovens, não pode ser subestimado. Os sistemas educativos, a família e a própria sociedade devem reconhecer as responsabilidades que lhes competem e promover a literacia para os *media*, preparando os mais novos para a vida num mundo dominado pela comunicação. O Media Lab Diário de Notícias, local onde estagiei durante 3 meses, é um centro educativo criado para esse propósito. Neste projecto os jovens são alertados para a importância do jornalismo, da necessidade de se estar bem informado e dos perigos que existem na internet, para se tornarem consumidores críticos dos diferentes meios de comunicação existentes. Os jovens participantes são também desafiados a desenvolver hábitos de pesquisa e de confirmação da informação, para posteriormente criarem o seu próprio jornal, com o objectivo de consolidar as competências adquiridas.

Palavras-chave: Literacia para os *media*, Jornalismo, Media Lab Diário de Notícias, Jovens.

Abstract

The role of the media as active participation tool in the society, in particular young people, cannot be underestimated. Education systems, families and society itself must recognize their responsibilities and promote literacy for the media, preparing the young for the life in a world dominated by communication. The “Media Lab Diário de Notícias”, where I interned for three months, is an educational center created for this purpose. In this project young people are aware of the importance of journalism, the need to be well informed and the dangers that exist on the internet, to become critical consumers of the different media that exists. The young participants are also challenged to develop research habits and confirmation of information, to later create their own newspaper, in order to consolidate the acquired skills.

Keywords: Literacy for the media, Journalism, Media Lab Diário de Notícias, Young.

Índice

Introdução	1
1. Estágio	2
1.1. O Media Lab Diário de Notícias	2
1.2. Funções e competências desenvolvidas durante o estágio	3
1.3. Reflexão crítica de um dia no Media Lab	4
2. Contexto da investigação e metodologia	9
2.1. Observação directa – participante	9
2.2. Observação indirecta – entrevistas	10
3. Literacia(s) e literacia para os <i>media</i>	11
3.1. Literacia(s)	11
3.2. Literacia para os <i>media</i>	13
3.2.1. Os <i>media</i> no contexto educativo	15
3.2.2. Iniciativas em Portugal para jovens em idade escolar	17
4. Análise da experiência	19
4.1. Conclusões das entrevistas	19
4.2. A (não) evolução do digital	28
4.2.1. Os riscos e as oportunidades da internet	28
Conclusão	31
Referências bibliográficas	34
Anexo 1: Plano e avaliação do estágio	38
Anexo 2: Exemplo de uma primeira página de jornal	41
Anexo 3: Exemplo de um jornal de quatro páginas	42
Anexo 4: Exemplos de notícias realizadas para o DN <i>online</i>	46

Introdução

Uma das funções da educação é fornecer às crianças e jovens as competências necessárias para que compreendam a realidade em que vivem, e fazendo os *media* parte integrante dessa realidade, a literacia para os *media* é uma área que a escola não deve desprezar.

Mas não é só a escola, também a sociedade e os próprios *media* têm essa responsabilidade, por ser uma questão de inclusão e de cidadania na comunidade. Saber ler as representações mediáticas de uma forma consciente e crítica são condições fundamentais para o exercício de uma cidadania activa e plena, que pode diminuir, ou até mesmo evitar, riscos de exclusão da vida comunitária.

Para compreender até que ponto é que esta temática é tida em consideração nos currículos escolares e nas vivências quotidianas e educativas, em particular dos públicos juvenis, optei por realizar um estágio académico, de 3 meses, num projecto de literacia mediática, o Media Lab Diário de Notícias, no qual os participantes são alunos de ensino primário, básico, secundário e de cursos profissionais.

Nesta iniciativa de literacia mediática os participantes são alertados para a importância do jornalismo e de se estar devidamente informado, para se tornarem consumidores críticos dos diferentes meios de comunicação existentes. Apesar de uma parte dos conhecimentos lhes serem transmitidos através de uma formação, o Media Lab permite que crianças e jovens “vistam a pele de jornalistas por um dia” e criem o seu próprio jornal.

Tal como Sara Pereira (2000:4) defende, a produção própria “pode ser um meio estético para a expressão e um instrumento para a comunicação. Esta produção de informação e de comunicação resulta de um ciclo de acção, reflexão e diálogo em que os educandos, através das suas próprias escolhas e práticas, aprendem como a indústria dos *media* funciona e como as suas mensagens e géneros são criados. Esta espiral do diálogo - reflexão - acção implica um processo de comunicação crítico e criativo”.

Além destes conteúdos, são também explicados os perigos que se podem encontrar na internet, uma vez que esta é uma ferramenta habitualmente utilizada por este tipo

de público juvenil, mostrando como se podem defender para que não fiquem à margem do seu uso sob pena de ficarem excluídos do futuro mercado laboral e isolados da actual sociedade da informação.

Ao longo da investigação são igualmente apurados os factos que levam os agentes educativos a procurar este projecto, bem como as suas limitações, e também quais são as outras iniciativas de literacia mediática, em Portugal, para jovens em idade escolar.

1. Estágio

1.1. O Media Lab Diário de Notícias

Para compreender o impacto da comunicação social, mais concretamente no que diz respeito às novas tecnologias de informação, na educação da população, em particular dos mais jovens, considereei necessário a realização de uma experiência em contexto real, neste caso um estágio académico, com a duração de 3 meses.

O local escolhido foi o Media Lab, uma iniciativa de responsabilidade social do Diário de Notícias (DN). O Media Lab DN é um centro educativo que, desde 2010, desenvolve actividades no âmbito da literacia para os *media*, pretendendo alertar a comunidade educativa para a importância do jornalismo, da necessidade de se estar informado e dos perigos que existem na internet.

O principal objectivo, deste projecto, é que os participantes, que visitam o centro educativo, entendam que existem várias formas de comunicação, conseqüentes de uma evolução natural das tecnologias. Contudo, as fontes de informação tornaram-se mais diversificadas e qualquer pessoa pode, de forma fácil e rápida, colocar conteúdos acessíveis a todos.

Ao estarem informados disto, o propósito é desafiar os jovens a fazer uma análise crítica da informação e a desenvolver hábitos de pesquisa, de confirmação de fontes e de comunicação. Para depois construírem o seu próprio jornal.

Este projecto, o único deste género em Portugal, começou tanto por existir no Diário de Notícias como no Jornal de Notícias (JN), sendo que ambos os jornais pertencem à Global Media Group. No entanto, enquanto o Media Lab DN está em funcionamento desde 2010, sem interrupções, até hoje, o Media Lab JN está também

em funcionamento desde 2010, mas esteve encerrado durante dois anos lectivos (2013/2014 e 2014/2015), voltando agora a reabrir no início de 2016, devido à procura e à importância desta iniciativa.

Entre Lisboa e Porto, nas sedes do DN e JN respectivamente, o Media Lab já recebeu aproximadamente 150 000 alunos, sendo que cerca de 88 000 participaram no Media Lab Diário de Notícias. Entre estes participantes estão incluídos alunos do 1.º ao 12.º ano e cursos profissionais, ou seja as idades variam entre os 6/7 anos e os 19/20 anos, de estabelecimentos públicos ou privados, de todas as zonas de Portugal Continental.

O projecto Media Lab foi também reconhecido pela World Association of Newspapers como um dos melhor projecto de literacia para os *media* do mundo, recebendo o prémio World Young Readers 2011, na categoria Making the News. Esta competição anual premeia jornais inovadores que conceberam o melhor projecto ou actividade para atrair jovens leitores.

1.2. Funções e competências desenvolvidas durante o estágio

Ao longo dos 3 meses de estágio no Media Lab Diário de Notícias desempenhei várias funções, essencialmente com enfoque no jornalismo e na literacia mediática.

As principais tarefas que desenvolvi podem ser divididas em cinco grupos: acolhimento, acompanhamento, pesquisa, divulgação e formação.

Mais concretamente, recebi e acolhi os participantes, professores, oradores e parceiros.

Acompanhei e monitorizei os trabalhos dos participantes, tanto escritos como em actividades multimédia, e acompanhei também as acções do centro educativo para os *media* no exterior.

Fiz pesquisa de novos conteúdos para actualizar *workshops* existentes e desenvolver novos, bem como pesquisa para a escrita de conteúdos para *site* e redes sociais.

Particpei na divulgação de acções de comunicação do centro educativo junto do público-alvo e também nas sessões de formação.

Através destas actividades, realizadas com os participantes, desenvolvi várias competências educativas, bem como adquiri uma maior capacidade de decisão, resolução de problemas, comunicação, espírito de equipa, iniciativa e proatividade.

Construí novos parâmetros que contribuíram para a minha identidade pessoal e profissional e apropriei-me de novos conhecimentos.

Reconheci que pertencia a um projecto que realmente ajudava a desenvolver competências nos alunos, pois como referiu a professora Rosa Santos Augusto, do Externato Nossa Senhora do Rosário, “uma visita ao Diário de Notícias é sempre produtiva e especial, uma vez que os meus alunos mais facilmente irão recordar uma actividade prática no DN, do que preservar a imagem de fazer uma notícia em sala de aula”, acrescentando que “eles só lêem as notícias nos *sites*, muitos não têm qualquer contacto com o jornal físico, logo estar aqui, com vocês, é uma mais-valia”.

1.3. Reflexão crítica de um dia no Media Lab

A experiência no Media Lab começa quando os alunos chegam ao edifício/sede do Diário de Notícias e se dirigem para a galeria. Nesse espaço existe um formador que fala acerca da história do jornal, sobre a galeria em si, onde estão pintados quatro painéis/frescos da autoria de Almada Negreiros, com alegorias a Portugal e à imprensa, e sobre o próprio edifício, da autoria do arquitecto Pardal Monteiro, que foi edificado propositadamente para ser a sede de um jornal.

Esta recepção/acolhimento é muito importante, uma vez que os estudantes quando participam em visitas de estudo ficam mais “descontraídos” e, apesar de aqui já lhes ser passada alguma informação, é uma forma de os preparar/serenar para a formação que vem a seguir.

Alunos e professores, de seguida, dirigem-se para o auditório para visionar um filme sobre a história do Diário de Notícias, mas de forma mais aprofundada. Os jovens ficam a saber quem foram os fundadores, as personalidades importantes que por lá passaram, quais eram as preocupações de responsabilidade social do Diário de Notícias, o envolvimento que este tinha com a comunidade, a forma como evoluiu a divulgação das notícias e como as mesmas eram feitas.

Ainda no auditório, recebem uma formação que consiste em explicar-lhes, sucintamente, a evolução da comunicação, desde as pinturas rupestres até à comunicação que hoje conhecemos. É também destacada a importância de se estar informado, para lhes fazer perceber que só assim têm o poder de fazer escolhas conscientes e só assim se podem precaver para certas eventualidades, não fosse “a principal finalidade do jornalismo fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

Segundo Cristina Ponte, é também do jornalismo, mais concretamente das notícias, que surge a opinião pública. “A primeira reacção típica do indivíduo perante as notícias é o desejo de as contar a alguém. Surge a conversa, segue-se o comentário e talvez comece mesmo uma discussão, o evento que se discute depressa deixa de ser notícia: como a interpretação de um evento difere entre os indivíduos, as discussões passam das notícias para as problemáticas em que se baseiam. O confronto de opiniões e de sentimentos que a discussão inevitavelmente provoca termina numa espécie de consenso ou opinião colectiva, a que chamamos opinião pública. É a partir da interpretação dos eventos apresentados, isto é, das notícias, que a opinião pública se constrói” (PONTE, 2004).

Ainda na formação, são apresentados os perigos que se corre ao “navegar” na internet, nomeadamente a informação e as identidades falsas, *hackers* e publicidade enganosa e são aprofundados alguns conceitos jornalísticos.

Primeiro, o formador explica que uma notícia é um acontecimento, para depois introduzir o tema dos “critérios da notícia”. De seguida, explica como a notícia deve ser construída, com os seus diferentes elementos.

A parte final da formação, antes dos alunos se deslocarem para a sala onde vão trabalhar, consiste na explicação do trabalho que vão desenvolver, com a ajuda dos monitores.

Tendo em conta estas informações que são passadas na formação, considero, de forma geral, que está bem estruturada e contém informações essenciais. Contudo, há um ponto essencial que devia ser abordado de forma mais específica, que são as notícias falsas. Era importante que fossem mostrados alguns exemplos de notícias

duvidosas que tivessem sido publicadas, expor aos participantes que existem órgãos de comunicação social mais credíveis e outros menos credíveis, uns que optam mais pelos factos, outros pelo sensacionalismo (mesmo que para isso tenham de abdicar de alguma veracidade), que as notícias falsas aumentaram com o aparecimento do *online* e faze-los perceber a importância das fontes numa notícia.

Se um dos objectivos deste projecto de literacia mediática é desenvolver a análise crítica da informação e a sua selecção, era produtivo criar um tempo de debate para, em conjunto, os participantes analisarem e discutirem as notícias, para que mais tarde o pudessem fazer autonomamente.

Depois desta formação, “Faz o teu jornal” é o desafio que o Media Lab DN coloca. “Aprender fazendo” é o mote para que possam construir o seu jornal, com as notícias do dia ou temáticas curriculares, seguindo as regras do jornalismo. E, neste caso, existem dois *workshops* que os alunos podem fazer.

O primeiro, e mais simples, é o *workshop* “Faz a tua 1.ª Página”. Nesta actividade os alunos fazem a primeira página de um jornal, com os elementos que constituem habitualmente a capa do Diário de Notícias (manchete, destaque fotográfico e duas chamadas). Os alunos trabalham num *template* pré-definido, que está adequado a cada nível de escolaridade.

Cada elemento da 1.ª página deve estar representado por uma editoria diferente (Sociedade, Desporto, Portugal, Mundo, Dinheiro, Artes e Pessoas) sendo que é explicado aos participantes que na manchete não devem colocar as editorias de desporto, pessoas, artes e mundo, pois devem estar informações que, de um modo geral, interessem a todos. Quanto às chamadas e ao destaque fotográfico já têm mais liberdade, tendo em atenção que no destaque fotográfico devem colocar uma fotografia relevante, que só a imagem já fale por si só.

Apesar de todas as notícias realizadas pelos participantes terem como fonte o DN *online*, existe a possibilidade de os alunos escreverem uma notícia da visita deles ao Diário de Notícias, se optarem por colocar essa notícia no destaque fotográfico é acompanhada da fotografia de grupo que tiraram na galeria e que é disponibilizada, de imediato, no *facebook* do Media Lab.

O outro *workshop* tem a denominação de “Trabalhar em Editorias” e tem como objectivo que os participantes façam um jornal de quatro páginas. Nesta actividade os alunos estão divididos em equipas de 8 pessoas. Cada equipa tem um director e um sub-director, ambos tratam da primeira página, duas pessoas ficam com as editorias de desporto e economia, duas pessoas com política e internacional e duas com sociedade e cultura. É papel dos directores escolherem a manchete e o destaque fotográfico primeiro, depois certificam-se de que os restantes colegas de equipa não escolhem as mesmas notícias para o interior do jornal, para que não haja notícias repetidas. Já em relação às chamadas, os directores têm de escrever pequenos textos, com base nas notícias que os colegas de equipa escreveram. São três chamadas, uma de cada par.

Em ambos os *workshops* a fonte de informação é o Diário de Notícias *online*, excepto se for um *workshop* temático, nesse caso a fonte de informação é um dos *blogs* criados pelo Media Lab, relativo à temática escolhida.

Professores e alunos apreciam bastante esta parte prática da visita, afinal de contas é o que os leva, realmente, ao Media Lab. Contudo, o facto de os participantes não terem total liberdade de escolha na selecção das notícias não me parece ser o mais correcto. Uma vez que, através da escola, é explicado aos jovens valores como a liberdade de expressão¹ e aqui é contrariado, de certo modo, esse valor. São impostos temas em vez dos interesses dos próprios, sendo que os objectivos deste projecto não eram postos em causa se os participantes fossem livres de seleccionar por inteiro as temáticas das suas notícias.

Isabel Nery (2004:3) sustenta que as primeiras páginas são a montra daquilo que os jornais têm no seu conteúdo, o “produto” que consideram mais interessante para o leitor. Lembrando que os órgãos de comunicação social se deparam, todos os dias, com duas tarefas fundamentais: “primeiro, decidir que temas devem ser tratados num determinado momento. Segundo, dentro dos temas já seleccionados, quais terão direito a destaque e a que tipo de destaque (topo ou baixo de página, tamanho, página par ou ímpar chamada à capa e, dentro desta, é preciso definir de novo uma

¹ É reconhecido pela Resolução 59 da Assembleia Geral das Nações Unidas adoptada em 1946, assim como pelo artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o direito fundamental à liberdade de expressão, incluindo a liberdade de "procurar, receber e difundir, sem considerações de fronteiras, as informações e as ideias".

hierarquia de importância) ”. Ao perceberem isto, os participantes deveriam ser livres de fazer as suas próprias seleções.

Para além do desafio “Faz o teu jornal”, os “jornalistas do dia” podem ainda trabalhar em *videocasts* e fotojornalismo. Em *videocasts* os participantes trabalham em grupo, normalmente entre 6 a 8 pessoas, onde cada elemento faz uma notícia, de editoriais diferentes, para depois com o trabalho de todos formar-se um vídeo noticioso, em que cada aluno é um repórter. A actividade de fotojornalismo acontece no exterior do edifício do Diário de Notícias, onde os alunos, em grupo, fotografam sobre um tema escolhido previamente entre todos.

Porém, estas duas vertentes são muito menos experimentadas pelas escolas, um facto interessante tendo em conta que as novas tecnologias é o que mais atrai estas faixas etárias. Hoje, “vivemos numa ‘aldeia global’ ligada 24h por dia. ‘Geração tecnológica’, ‘nativos digitais’, ‘geração polegar’, são algumas das expressões usadas para caracterizar as gerações jovens que tomam os *media* quase como prolongamentos de si. Televisão, internet, redes sociais, videojogos, telemóvel, música, são alguns dos meios com que interagem diariamente, muitas vezes em simultâneo” (FERREIRA, et al., 2011).

Esta imposição cada vez maior dos *media* na vida da população, ao mesmo tempo que se desenvolvem os meios tecnológicos, deveria colocar em evidência a necessidade de preparar os alunos para saberem lidar, de forma crítica e criteriosa, com a panóplia de meios, de informações e de conteúdos que têm todos os dias ao seu alcance, algo que os agentes educativos ainda mostram resistência.

Assim que terminam os seus trabalhos, é feita uma visita à redacção do Diário de Notícias. Alunos e professores podem ver os jornalistas a trabalhar e perceber como funciona a organização do espaço.

O meu papel, durante o tempo em que participei neste projecto, foi ser formadora e monitora. As minhas principais responsabilidades incluíam dar formação em literacia mediática e jornalismo e acompanhar os participantes durante toda a visita e durante a realização de cada *workshop*, tanto na construção de jornais como na realização de *videocasts* e fotojornalismo.

Particpei ainda na comunicação externa da empresa, criando conteúdos para o *site* (notícias e agenda) e redes sociais e na angariação de novos públicos. No final de cada dia escrevia uma notícia acerca das sessões no Media Lab e enviava para o Diário de Notícias *online*, onde era sempre publicada.

2. Contexto da investigação e metodologia

2.1. Observação directa - participante

Judith Bell (1993:162) defende que existem “dois tipos principais de observação - participante e não participante”. A observação participante foi o método escolhido para a recolha de dados neste projecto e esta consiste na participação real do investigador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada, onde este assume o papel de membro do grupo. Por isso, Judith Bell definiu a observação participante como “a transferência do indivíduo total para uma experiência imaginativa e emocional na qual o investigador aprendeu a viver e a compreender o novo mundo”. Indo ao encontro das palavras de Quivy e Champenhoudt (1998:197) quando estes afirmam que “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida colectiva”, para eles a principal vantagem desta observação é a “apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem”.

Foi através desta observação participante que realizei no Media Lab Diário de Notícias que reflecti acerca da literacia para os *media* nas escolas: até que ponto é que existe uma presença de conteúdos sobre literacia mediática nos currículos escolares? Qual é a necessidade de uma educação para os *media* nas escolas? Tem havido uma evolução no desenvolvimento dessa literacia? Quais são os projectos existentes em Portugal, como o Media Lab, que permitam o desenvolvimento dessa competência fora das escolas? Quais são os perigos que as crianças e jovens correm com o papel dos novos *media*, na sociedade dos nossos dias? Porque procuram os agentes educativos mais informação nesta área, nomeadamente a procura do Media Lab?

O que me proponho fazer nos capítulos seguintes é responder a todas estas perguntas de investigação, tendo por base os dados recolhidos no local do estágio académico e da pesquisa efectuada.

2.2. Observação indirecta - entrevistas

Os autores Quivy e Champenhoudt (1998:192) referem que “no caso da observação indirecta, o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas [do investigador] o sujeito intervém na produção de informação. Na observação indirecta, o instrumento de observação é um questionário ou um guião de entrevista”. Neste projecto de investigação participativa, a entrevista foi o instrumento mais apropriado a implementar. Sendo que, Quivy e Champenhoudt, defendem que este tipo de entrevista deve decorrer de “forma muito aberta e flexível e que o investigador evite fazer perguntas demasiado numerosas e demasiado precisas”.

O método de entrevista é, por eles, caracterizado por ser o meio em que o investigador toma contacto directo com os entrevistados, presenciando directamente as expressões e assim facilitando a recolha de dados, visto que “permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade”.

Posto isto, e sendo o método escolhido a entrevista para obter dados acerca da experiência real no Media Lab, seleccionei qual o público que devia entrevistar. Uma vez que a maioria dos participantes, que se deslocava ao centro educativo, pertencia ao ensino básico, mais propriamente ao 2.º ciclo (5.º e 6.º ano) e 3.º ciclo (7.º, 8.º e 9.º ano), considerei que esses anos de escolaridade seriam os mais indicados, uma vez que permitia uma análise mais metódica. Depois de fazer essa selecção, decidi que os professores, que acompanhavam os alunos, seriam os sujeitos mais indicados para a entrevista.

Tendo em conta o tempo de estágio, que foi de 3 meses, e também a frequência que cada ano de escolaridade, da amostra seleccionada, se deslocava ao Media Lab por mês, considerei que devia entrevistar 2 professores de cada ano escolar por cada mês. Sendo que no final dos 3 meses, existem 6 professores de cada ano (do 5.º ao 9.º), havendo no total 30 inquiridos.

As perguntas realizadas foram simples e directas: porque decidiram participar no projecto Media Lab Diário de Notícias? O que acharam do projecto? (pontos fortes e fracos).

Além das entrevistas, era suposto realizar também uma análise à primeira página dos jornais dos participantes, contudo esta ideia foi abandonada devido a alguns constrangimentos.

Como já foi explicado, os participantes não tinham total liberdade de escolha no tema para a manchete, por norma a maioria queria desporto ou celebridades e isso não lhes era permitido, cada elemento da primeira página tinha de ser de uma editoria diferente, os títulos não podiam ter pontuação, pois o DN não usa pontuação nos títulos de primeira página, e quando escolhiam imagens mais ousadas para o destaque fotográfico era pedido que alterassem a fotografia, deste modo, não fazia sentido analisar uma primeira página em que as escolhas não eram totalmente feitas pelos participantes, uma vez que os resultados saíam influenciados.

Deste modo, optei por ficar apenas pela observação directa (participante) e pela observação indirecta (entrevistas).

3. Literacia(s) e literacia para os *media*

3.1. Literacia(s)

As Conclusões do Conselho Europeu, de 26 de novembro de 2012, sobre literacia definem-na como algo que engloba competências de leitura e de escrita para compreender, utilizar e avaliar com espírito crítico as diversas formas de informação, incluindo as imagens e textos escritos, impressos e eletrónicos, e que abrange a literacia de base, a literacia funcional e a literacia múltipla.²

É também um meio fundamental “para alcançar objectivos pessoais e para desenvolver os conhecimentos e os potenciais próprios” (KIRSCH; JUNGBLUT; JENKINS; KOLSTAD, 1993).

Pode afirmar-se que a palavra “literacia” tem um conceito e um significado extenso. Se por um lado, constitui-se como uma condição básica para reflectir, como “uma

² Literacia de base: Conhecer letras, palavras e estruturas de texto necessárias para ler e escrever a um nível que proporcione autoconfiança e motivação para prosseguir a aprendizagem.

Literacia funcional: Capacidade de ler e escrever a um nível que permita evoluir e funcionar em sociedade, em casa, na escola e no trabalho.

Literacia múltipla: Capacidade de fazer uso das competências de leitura e de escrita para produzir, compreender, interpretar e avaliar com espírito crítico informações escritas. É uma base para poder participar no mundo digital e para efetuar escolhas com conhecimento de causa em vários temas.

competência de base fundamental para a população, seja no acesso à informação e ao conhecimento, seja na possibilidade de aprender ao longo da vida, seja no exercício da análise simbólica e da reflexividade.” (ÁVILA, 2008). Por outro lado, funciona também como uma condição básica para a cidadania e para a participação na esfera pública, é a base da democracia, “a capacidade reivindicativa, o aumento do espírito crítico, a propensão em aderir a causas políticas e sociais é muito maior naqueles que conseguem utilizar correctamente as suas competências de literacia” (REIS, 1997).

As Conclusões do Conselho Europeu, de 26 de novembro de 2012, constataam ainda que: “a literacia é uma competência crucial para a vida, habilitando cada cidadão a desenvolver capacidades de reflexão, expressão oral, espírito crítico e empatia, e impulsionando a evolução pessoal, a autoconfiança, um sentido de identidade e a plena participação numa economia e sociedade digital e do conhecimento; a literacia é a porta de entrada para a continuação de toda e qualquer aprendizagem, pois atacar os baixos níveis de literacia constitui uma forma eficaz de combater as causas profundas do abandono escolar precoce, do desemprego e da limitada participação na aprendizagem ao longo da vida para as pessoas com menos qualificações; a crescente digitalização reclama padrões cada vez mais elevados de literacia, do que faz parte a capacidade crítica para analisar textos, para lidar com formas múltiplas de texto, para descodificar imagens e para comparar e integrar elementos díspares de informação”.

Posto isto, no mesmo documento, o Conselho recomenda que: “para assegurar uma ampla autonomização, é necessário envolver toda uma gama de intervenientes sociais, incluindo as empresas, os meios de comunicação social, as ONG, os parceiros sociais, os responsáveis pelo ensino não formal, as instituições culturais, bem como os serviços sociais, de emprego e de saúde a nível local, em quaisquer iniciativas destinadas a melhorar os níveis de literacia; para criar um ambiente alfabetizado que fomente a leitura e melhore o desempenho em literacia, há que reforçar a disponibilização de diferentes materiais de leitura nas escolas, nas bibliotecas e nos centros mediáticos, e também em lugares não convencionais, bem como em casa, e o apoio às famílias logo desde muito tenra idade; é necessária uma maior sensibilização parental para esta questão e para o papel crucial que os pais podem desempenhar no melhoramento das

competências de literacia das crianças e no apoio à motivação e aos hábitos de leitura, tanto na primeira infância como durante a fase de escolaridade”.

Todos estes factores, ou neste caso a falta deles, podem influenciar a que haja baixos níveis de literacia na população. Para Ávila (2007) a escolaridade parece ser a principal determinante em questões de literacia, por outro lado demonstra que a elevada escolaridade não corresponde de forma linear e absoluta a um nível superior de competências de literacia. Não se pode traçar uma correlação entre “níveis de instrução formal” e “níveis de literacia” (BENAVENTE, et al., 1996).

Podemos pensar sim “na iliteracia como um tipo de 'analfabetismo funcional', uma 'nova pobreza', associada à ausência de competências para lidar com a sociedade da informação que ainda afecta grande parte da população mundial, apesar do aumento sem precedentes da escolarização/qualificação das populações” (LOPES, 2011).

Devemos ter também em conta que o conceito de literacia está agora revestido de novos significados, são eles as “multiliteracias” (SELBER, 2004) ou as “novas literacias” (KIST, 2005), de que são exemplo a literacia informacional (conceito introduzido por Paul Zurkowski em 1974). Estes novos significados têm em conta factores como: a centralidade dos *media*, o papel da informação na democracia ou o desenvolvimento das TIC (Tecnologias da informação e comunicação).

3.2. Literacia para os *media*

A literacia para os *media*, compreendida como um conjunto de competências e conhecimentos que permitem à população em geral uma utilização consciente e informada dos vários meios de comunicação social, representa uma componente fundamental do processo comunicativo.

Essa importância da literacia para os *media* é, actualmente, reconhecida como uma parte integrante e indispensável da cidadania, tendo sido objecto da Directiva 2007/65/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de Dezembro de 2007, onde se defende que “as pessoas educadas para os *media* são capazes de fazer escolhas informadas, compreender a natureza dos conteúdos e serviços e tirar partido de toda a gama de oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias das comunicações, mais

aptas a protegerem-se e a protegerem as suas famílias contra material nocivo ou atentatório”.

Na Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: *uma Abordagem Europeia da Literacia Mediática no Ambiente Digital*, de Dezembro de 2007, está afirmado que “a abordagem europeia da literacia mediática deve abranger todos os *media*” e que se consideram vários níveis de literacia mediática as seguintes competências:

“Estar à vontade com todos os tipos de *media*, desde jornais a comunidades virtuais;

Utilizar activamente os *media*, nomeadamente através da televisão interactiva, dos motores de pesquisa da internet ou da participação em comunidades virtuais, e explorar melhor as potencialidades dos *media* entretenimento, acesso à cultura, diálogo intercultural, aprendizagem e aplicações quotidianas;

Ter uma visão crítica dos *media* no que respeita tanto à qualidade como ao rigor do conteúdo;

Utilizar criticamente os *media*, atendendo a que a evolução das tecnologias dos *media* e a presença crescente da internet como canal de distribuição permitem que um número crescente de europeus crie e difunda imagens, informação e conteúdos;

Compreender a economia dos *media* e a diferença entre pluralismo e propriedade dos *media*;

Estar consciente das questões dos direitos de autor, essenciais para uma ‘cultura de legalidade’, em especial para os mais novos, na sua dupla qualidade de consumidores e produtores de conteúdos”.

Ainda assim, apesar deste reconhecimento, das competências que lhe são atribuídas e das várias investigações já elaboradas, não é possível chegar a um consenso em torno de uma designação única deste conceito.

Deste modo, é constante surgirem termos equivalentes ao de literacia para os *media*, como: literacia mediática, educação para os *media*, educação para a comunicação, literacia digital ou alfabetização mediática.

Numa tentativa de distinguir entre o processo e os resultados alcançados através desse processo, há autores que têm defendido que a educação para os *media* diz respeito ao processo e que a literacia para os *media* se refere ao que se atinge através desse processo, ou seja, aos resultados do mesmo. De acordo com estas perspectivas, a educação para os *media* conduz a certos níveis de literacia mediática.

Contudo, esta distinção nem sempre é valorizada ou tida em conta. Há, por exemplo, um conjunto de documentos produzidos pela Comissão Europeia que adopta a designação de literacia para os *media*, incorporando na mesma os objectivos reconhecidos pela educação para os *media*, motivo pelo qual é possível a utilização dos dois ou mais termos.

3.2.1. Os *media* no contexto educativo

Segundo Masterman (1994:21), a primeira fase do desenvolvimento da educação para os *media* ocorreu desde o início dos anos 1930 até ao início da década de 1960, assistindo-se a um “movimento defensivo e paternalista cujo objectivo era introduzir formas correntes de *media* na sala de aula com o fim único de as denegrir por serem comerciais, manipuladoras e sem qualquer originalidade”.

Pode dizer-se que, anteriormente, a educação para os *media* era, afinal, uma educação “contra os *media*”. Segundo Leavis e Thompson (1948:26), pretendia-se que os alunos desenvolvessem o seu espírito crítico e “compreendessem as diferenças entre cultura autêntica e os valores triviais e anti-culturais dos *mass media* comerciais”.

“Traçava-se uma distinção clara entre formas de ‘cultura elevada’ e formas de ‘cultura popular’ menos dignas e sem valor. Esta distinção tinha a ver com as próprias relações de poder dentro de uma sociedade na qual os gostos e as preferências de uns são válidos e referenciais enquanto os dos outros são ignorados ou mesmo rejeitados” (SANTOS, 2003).

Só na década de 1990, precisamente quando a internet começou a alcançar a população em geral, é que a educação para os *media* assumiu uma importância e uma abrangência crescente. Passou a ter como objectivo principal levar os mais novos a compreenderem as estruturas, os mecanismos, as estratégias e, conseqüentemente,

as mensagens transmitidas pelos *media*, o papel que desempenham na sociedade, o seu impacto social, as modalidades de percepção que originam, de forma a tornarem-se consumidores de informação consciente e críticos, que exigem melhores produtos mediáticos.

A internet, esse “instrumento poderoso de acesso ao mundo global, entrou em força nos quotidianos privados das famílias, nos estabelecimentos de ensino, no mundo do trabalho e das profissões. Não se introduziu, porém, numa paisagem vazia ou neutra. Em cenário de fundo, essa paisagem é marcada pela presença de outros *media* (livros, rádio, televisão, por exemplo) que foram fazendo a sua história no passado e se interligam hoje, em combinações diversas, com as novas tecnologias de informação e comunicação. Regra geral, uns não se substituíram aos outros, coexistem e disputam terrenos concorrentes.” (DELICADO, et al., 2012).

Se por um lado os *media*, em geral, são um meio de enriquecimento, de conhecimento, de entretenimento, uma forma de contacto com o mundo e com os outros, para todos os públicos, mas exercendo uma particular atracção no público mais jovem, por outro, são também considerados perigosos pela maioria dos pais e educadores, podendo concluir-se que uma educação generalizada para os *media* é, actualmente, indispensável.

A educação para os *media* e a educação para as novas tecnologias devem desempenhar um papel de responsabilização, ajudando a preparar a população em geral, e os mais novos em particular, para a cidadania democrática e para a consciência política.

Devido ao papel importante que os *media*, como a televisão, o cinema, a rádio, a imprensa e, mais recentemente, a internet, desempenham na experiência pessoal das crianças e adolescentes, é defendido que a educação para os *media* devia começar o mais cedo possível, acontecer durante toda a escolaridade obrigatória e aumentar o papel do agregado familiar nesta educação. O rápido progresso das novas tecnologias de informação e de comunicação incidiu em todos os domínios da vida social, política e cultural.

A facilidade que existe, actualmente, na circulação da informação à escala local, nacional e mundial altera, essencialmente, aspectos culturais como as formas de comunicação e de expressão, e até o próprio conceito de saber.

A escola e o agregado familiar perderam, deste modo, o controlo e o domínio da educação devido à presença constante dos *media*, diversificando as fontes de informação e de opinião e aumentando a variedade e a quantidade dos conteúdos dessa mesma informação. Os conhecimentos, as experiências e até os próprios valores derivam, cada vez mais, de fontes exteriores às instituições escolares.

Neste contexto, torna-se necessário introduzir a literacia para os *media* e alterar as estratégias educativas, nas diversas faixas etárias.

“Vivemos num mundo em que os *media* estão omnipresentes, um número cada vez maior de pessoas passa grande parte do seu tempo a ver televisão, a ler jornais e revistas, a ouvir discos e rádio. O papel da comunicação e dos *media* no processo do desenvolvimento não pode ser subestimado, nem a função dos *media* enquanto instrumento de participação activa do cidadão na sociedade. Os sistemas políticos e educativos devem assumir a sua responsabilidade na promoção, em cada cidadão, da capacidade de compreensão crítica do fenómeno da comunicação” (AEEMA, 1992).

3.2.2. Iniciativas em Portugal para jovens em idade escolar

Segundo a Direção-Geral da Educação (DGE), os conteúdos sobre literacia mediática não estão previstos, de forma directa, nos currículos escolares. A educação para os *media* é apenas trabalhada no contexto de educação para a cidadania (revisão curricular prevista no DL 139/2012 de 5 de julho) e também na disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação, que trabalha questões como a segurança digital e a utilização de jogos digitais. Nas restantes áreas disciplinares, há apenas referências dispersas à utilização de plataformas digitais.

A literacia mediática pode ser também abordada mediante o enquadramento curricular no contexto do “Referencial de Educação para os Media”, elaborado e lançado em 2014 pela DGE. Este documento funciona com uma referência para a implementação da educação para os *media* em meio escolar e pré-escolar. Pode ser

utilizado em contextos diversos, mediante adaptações, no seu todo ou em parte, constituindo um instrumento de trabalho para as escolas.

Posto isto, é possível constatar que a literacia mediática é um tema pouco abordado nas escolas, motivo pelo qual os agentes educativos, por vezes, procuram iniciativas, não formais, para complementar esta temática.

O Media Lab, Diário de Notícias e Jornal de Notícias, como já foi referido, é um dos locais procurados para esse efeito e o único desse género em Portugal, mas existem, actualmente, outras iniciativas para públicos jovens em idade escolar, no âmbito exclusivo da educação para os *media*, como:

- O concurso “7 dias, 7 dicas sobre os media” que consiste num concurso de produção de dicas (alertas, recomendações ou conselhos) sobre os *media*, em suporte digital. O concurso é destinado a alunos de escolas públicas, privadas e cooperativas, de ensino básico e secundário. Esta é uma iniciativa promovida pela Rede de Bibliotecas Escolares em parceria com a Direção-Geral da Educação, a Fundação para a Ciência e Tecnologia e a Comissão Nacional da Unesco.

- O programa “Sete dias com os media” que é uma iniciativa aberta a todas as pessoas e entidades que queiram desenvolver os seus projectos, que podem estar ligados, por exemplo, ao modo como os *media* influenciam a vida quotidiana, os desafios que hoje se coloca à liberdade de expressão e de publicação e as responsabilidades da cidadania perante a comunicação mediática. É um projecto que tem a colaboração de um conjunto de organizações, instituições, empresas e cidadãos que veem os meios de comunicação social como parte integrante do seu dia-a-dia.

- A plataforma “Jornais escolares”, lançada pela DGE, que pretende não só apoiar a dinamização de jornais escolares como instrumentos de cidadania, como também fazer a divulgação de boas práticas na elaboração de jornais, revelando o trabalho realizado pelos docentes, nas escolas, com os seus alunos, nessa mesma plataforma.

- O projecto “Rádios e televisões escolares” que promove ao longo do ano encontros nacionais de rádios e televisões escolares, a formação prática e teórica, a monitorização e a troca de experiências. Este é também um projecto lançado pela DGE.

- E o concurso “Sitestar” que tem 4 categorias, onde jovens dos 14 aos 18 anos se podem enquadrar, sendo uma delas “Notícias na escola”. Esta categoria permite que alunos que tenham um jornal escolar possam criar um *site*, com a ajuda de um professor. As melhores ideias ganham um domínio.PT, uma ferramenta de criação de *site*, respetivo alojamento e um endereço de correio eletrónico.

4. Análise da experiência

4.1. Conclusões das entrevistas

Amostra: 6 professores de cada ano escolar (do 5.º ao 9.º ano), sendo que foram entrevistados 2 professores, de cada ano escolar, por mês. No total existem 30 entrevistados.

Depois de analisar as respostas dadas pelos docentes optei por agrupá-las da seguinte forma, tendo em conta que cada professor pode ter dado mais do que um motivo/opinião:

- Em resposta à pergunta “porque decidiram participar no projecto Media Lab Diário de Notícias?”

- Os alunos estão/estiveram a aprender a notícia nas aulas e a actividade complementa/relembra.

- A literacia mediática devia ser mais abordada nas aulas.
- Os alunos devem ter um contacto real com as profissões.
- Os alunos aprendem melhor com a prática do que com a teoria.
- Por conselho de outros professores.
- Já tinha visitado outros anos, com outras turmas.

- Em resposta à pergunta “o que acharam do projecto? (pontos fortes e fracos)”

- Foi uma ótima/interessante visita de estudo.
- Adaptado à faixa etária dos alunos.
- Correspondeu às expectativas.
- Os conteúdos foram bem abordados e de forma cativante.
- Os alunos estavam motivados.
- Devia ter uma maior duração.

Professores do 5.º ano:

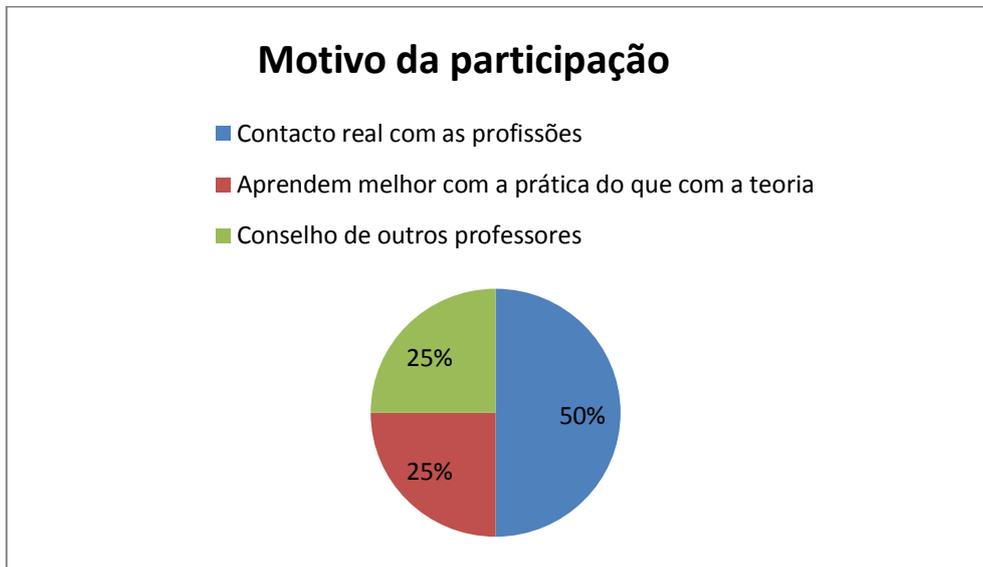


Gráfico 1: Motivo da participação dos professores do 5.º ano

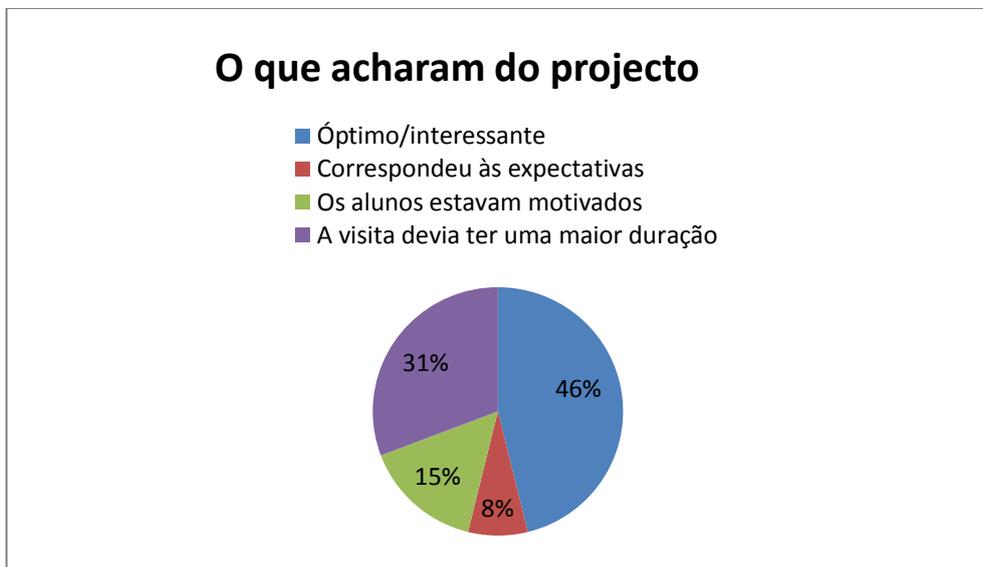


Gráfico 2: O que acharam do projecto os professores do 5.º ano

Professores do 6.º ano:

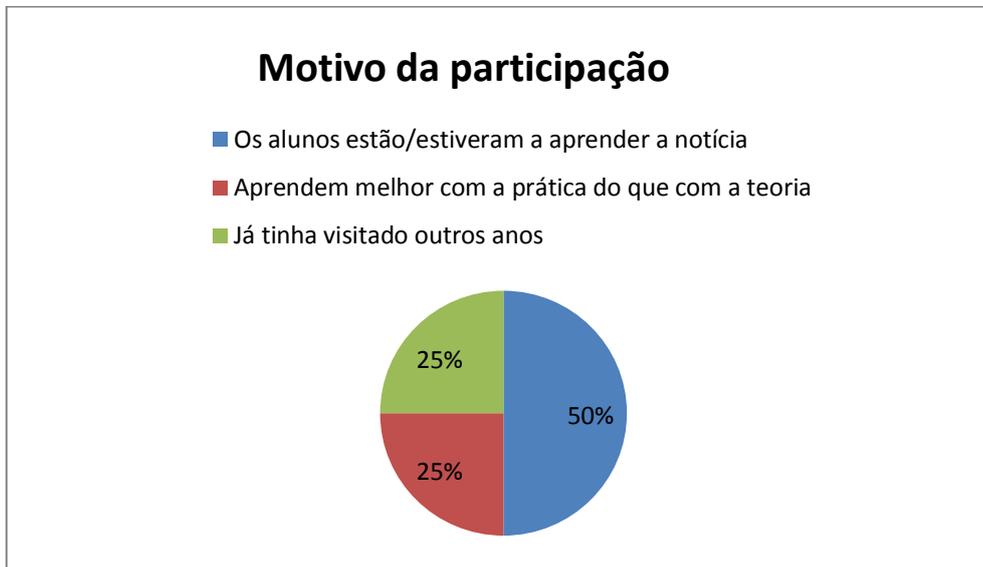


Gráfico 3: Motivo da participação dos professores do 6.º ano

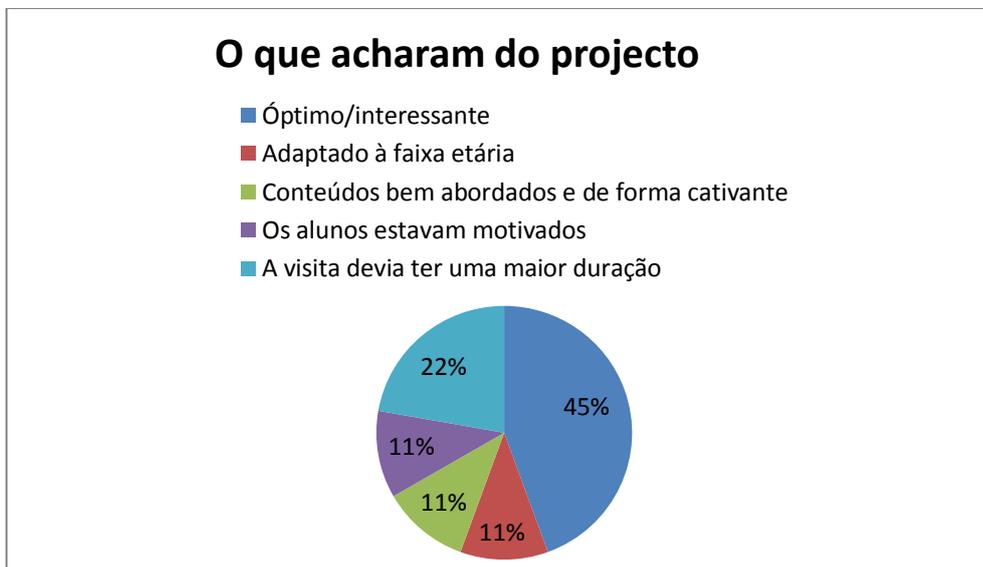


Gráfico 4: O que acharam do projecto os professores do 6.º ano

Professores do 7.º ano:

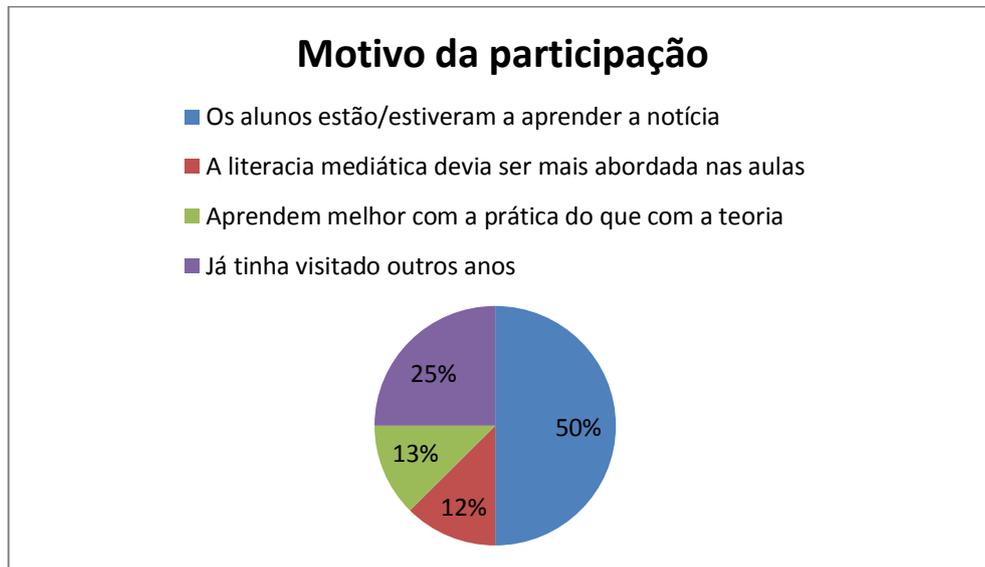


Gráfico 5: Motivo da participação dos professores do 7.º ano

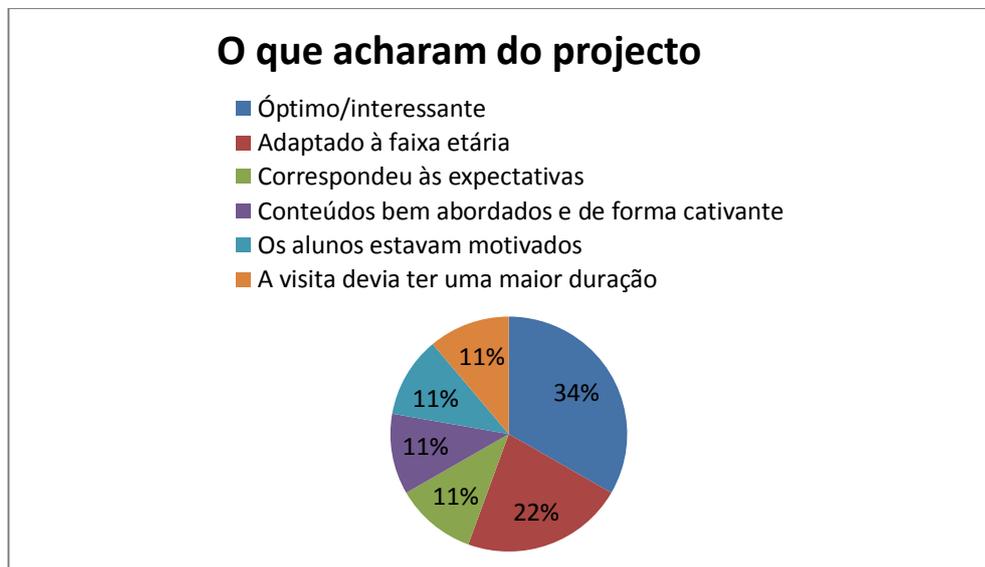


Gráfico 6: O que acharam do projecto os professores do 7.º ano

Professores do 8.º ano:

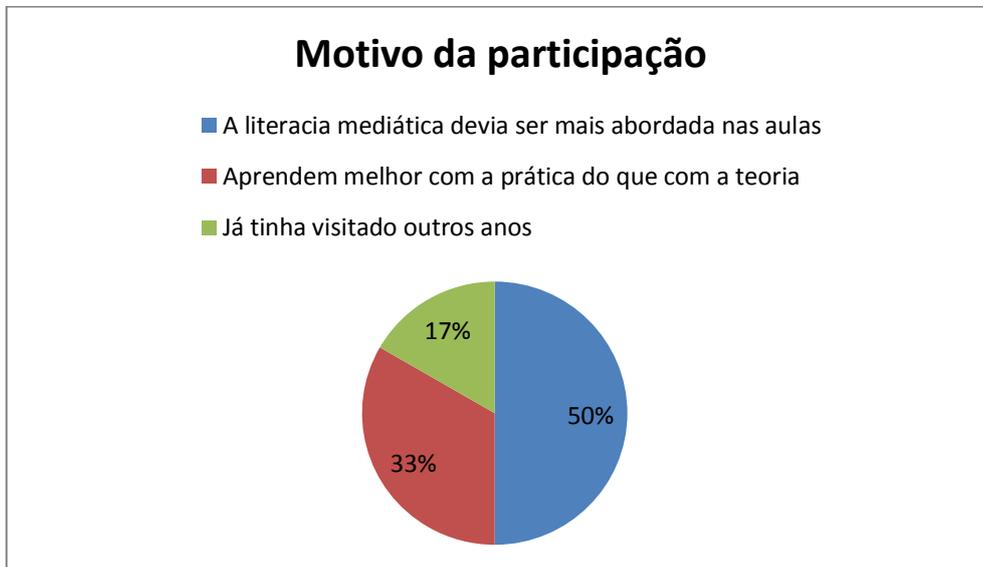


Gráfico 7: Motivo da participação dos professores do 8.º ano

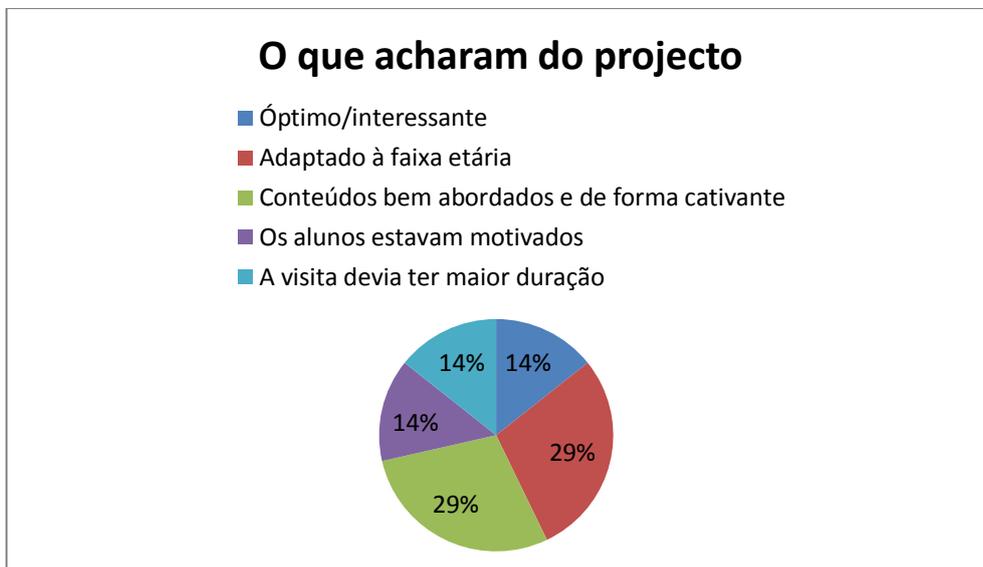


Gráfico 8: O que acharam do projecto os professores do 8.º ano

Professores do 9.º ano:

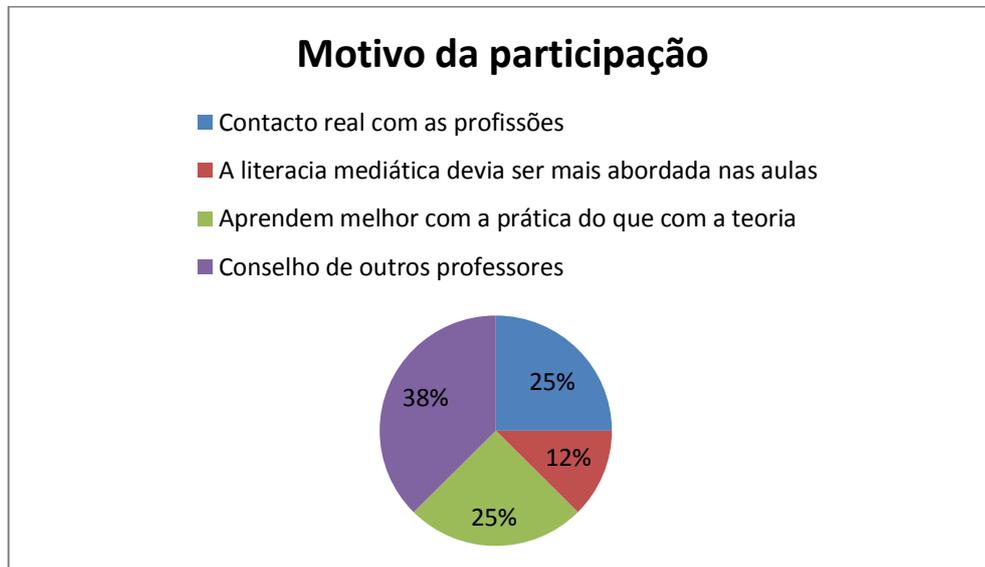


Gráfico 9: Motivo da participação dos professores do 9.º ano

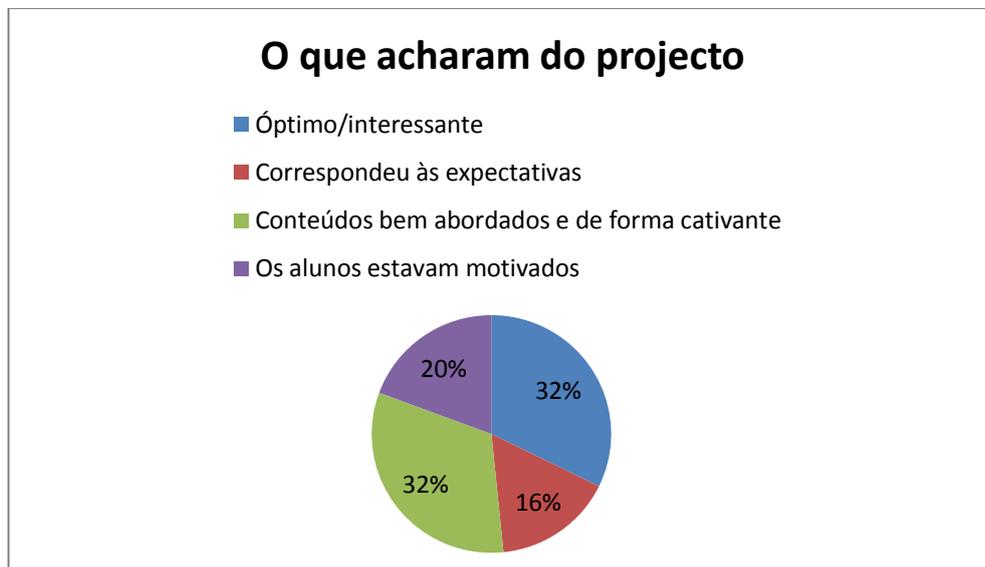


Gráfico 10: O que acharam do projecto os professores do 9.º ano

São vários os motivos que levam os professores a levarem os seus alunos ao Media Lab Diário de Notícias. É importante realçar que entre o 6.º e 7.º ano, altura em que é leccionada a notícia nas escolas, 8 professores afirmaram que era esse o motivo que os levava a participar no projecto, uma vez que completa e relembra a matéria dada.

Segundo Teresa Saruga, docente no Colégio Valsassina, “alguns dos conteúdos que os alunos aqui abordam já tinham sido leccionados em aula. No entanto, em nada se assemelha à vinda ao Diário de Notícias, uma vez que aqui eles levam a tarefa com maior seriedade e aprofundam esses conhecimentos”.

O facto de os alunos aprenderem melhor com a prática do que com a teoria foi um factor que docentes de todos os anos de escolaridade, sem excepção, mencionaram.

“Infelizmente, por vezes, estou a explicar uma determinada matéria aos meus alunos e passados alguns minutos já não se lembram do que eu disse, ou simplesmente não me ouviram, quando se trata de trabalhos práticos as coisas já funcionam de outra forma e já vejo outros resultados, por isso considero que eles aprendem melhor com a prática e foi isso que me fez cá vir”, admitiu a professora Rosa Martins, da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça.

10 professores, em 30, referiram que decidiram participar no Media Lab DN por conselho de outros professores ou porque já tinham ido outros anos, com outras turmas, isto significa que as competências que os alunos adquirem são úteis e se reflectem posteriormente, motivo pelo qual aconselham ou regressam.

“O Media Lab é óptimo para eles, eu já cá tinha vindo outros anos, com outros alunos, e como vi que eles gostaram e que foi produtivo para eles, decidi repetir a experiência e também costumo aconselhar aos meus colegas”, referiu Carla Almeida, docente no Colégio O Parque.

6 docentes consideraram ainda que os alunos devem ter um contacto real com as profissões, nomeadamente com o jornalismo, e, curiosamente, foram professores de 5.º e 9.º ano, esta explicação deve-se ao facto de os alunos de 5.º ano estarem agora a iniciar uma nova etapa, pois acabaram de abandonar o ensino básico, enquanto os de 9.º ano vão deixar o 2.º ciclo para entrar no secundário, em que começam a perceber quais as profissões que querem seguir.

De acordo com a professora Paula Henriques, da Escola Dr. Augusto César da Silva Ferreira, os seus discentes “trabalham muito a parte prática na escola e vieram interessados em conhecer a realidade do dia-a-dia dos jornalistas numa redacção de um jornal, até porque sei que há por aí 2 ou 3 que gostavam de trabalhar nesta área”.

Quanto ao facto da literacia mediática ser pouco abordada nas aulas, apenas 5 professores, ou seja 16,6% dos entrevistados, referenciaram esse facto, todos eles do 3.º ciclo de escolaridade, um valor abaixo do esperado.

“Os nossos alunos já possuem conhecimentos sobre a estrutura da notícia, pois faz parte do programa da escola, mas em relação ao jornalismo, aos *media* em si, não abordamos mais nada nas nossas aulas, porque não faz parte do programa”, referiu a docente Rafaela Godinho, do Externato João Alberto Faria.

Em relação às opiniões que tiveram no final da participação no projecto Media Lab, 16 professores, ou seja mais de 50%, consideraram a visita óptima e interessante. Tendo em conta que esses 16 docentes estão repartidos por todos os anos de escolaridade, sem excepção, é possível afirmar que é uma iniciativa que agrada a todas as faixas etárias analisadas. Sendo que 3 dos entrevistados, mencionaram precisamente que estava adequado a cada idade.

“É uma iniciativa excelente, super interessante e adaptada à faixa etária dos alunos”, disse Teresa Saruga, do Colégio Valsassina.

Houve também 3 agentes educativos que consideraram que a visita de estudo correspondia às expectativas, precisamente os entrevistados que vinham aconselhados por outros docentes ou que já tinham estado, anteriormente, no Media Lab.

“Cada vez que cá venho, corresponde sempre às minhas expectativas”, confessou Carla Almeida, do Colégio O Parque.

7 professores afirmaram que os seus alunos estavam motivados e 6 desses 7 professores mencionaram que os conteúdos foram bem abordados e de forma cativante, desta forma pode concluir-se que a motivação dos alunos ao participarem neste projecto de literacia mediática tem a ver com a forma como lhes são transmitidas as informações.

“Os conteúdos estavam bem elaborados, vi que os meus alunos estavam motivados, e realmente isso nem sempre acontece, apesar de eles gostarem muito de ir a visitas de estudo”, revelou Isabel Caetano, da Escola Secundária Gil Vicente.

8 docentes indicaram, ainda, que a visita devia ter uma maior duração. Todos eles leccionam entre o 5.º e o 8.º ano, isto pode querer dizer que os alunos mais novos precisavam de mais tempo para assimilar as informações e elaborar os seus trabalhos. Um facto que vim a constatar durante o estágio, uma vez que os alunos mais novos precisavam de mais ajuda na elaboração das notícias e demoravam mais tempo a escrever.

“Na parte em que eles estão a construir as suas páginas parece-me que é tudo um pouco apressado, acho que eles precisavam de mais tempo para as fazer, mas é mesmo assim, vínhamos com o destino de fazer uma visita de estudo apenas da parte da manhã e o motorista também tem um hora para nos vir buscar, acho que já foi bom para eles”, revelou Fernanda Mendonça, da Casa Pia.

As conversas tidas com os alunos foram bastante inferiores às realizadas com os professores, precisamente por uma questão de tempo, assim que as actividades terminavam os alunos iam embora, como tal não foi possível ter um número de amostras suficientes para poder sistematiza-las.

Contudo, nos diálogos que realizei com alguns deles, enquanto monitorizava os seus trabalhos, percebi que gostavam muito da visita, ainda que alguns tenham passado a considerar a profissão de jornalista demasiado difícil. Uma vez, um dos alunos, o João Pedro, do 8.º ano, confidenciou-me que “esta profissão é muito complicada, não conseguia estar a escrever assim todos os dias, ainda não sei o que quero ser, mas vou escolher outra coisa, jornalista já decidi que não, ta decidido”.

Por outro lado, a Inês Filipa, do 9.º ano, mostrou-se encantada com a profissão, “eu adoro escrever e falar com os outros, gostava muito de trabalhar aqui”, acrescentando que se em vez de estar a fazer as notícias através do DN *online* pudesse ir aos sítios e falar directamente com as pessoas “seria perfeito”.

Já o Tomás Martins, do 7.º ano, só gostava de desporto e para ele a sua primeira página de jornal era toda preenchida com essa editoria, “assim que a professora me

disse que vínhamos fazer notícias para um jornal, eu perguntei à professora se podíamos fazer só desporto, como ‘A Bola’, e ela disse que sim, fui enganado, só pude meter uma, eu para ser jornalista só se fosse para estar a trabalhar num jornal de desporto”.

4.2. A (não) evolução do digital

Os professores entrevistados foram os que levaram os seus alunos a realizar o *workshop* “Faz o teu jornal”, isto porque durante os três meses de estágio apenas participei em duas actividades de *videocast* e duas de fotojornalismo.

Tendo em conta a evolução do digital e a forma como os jovens interagem com esse meio, seria mais atractivo para eles, em princípio, produzir conteúdos multimédia, mas os professores insistem em resistir.

Um dos factores para isto acontecer é porque os docentes, por norma, ensinam partindo do princípio de que são eles que têm todos os conteúdos de que os alunos precisam, mas agora, com as tecnologias digitais, os alunos também geram conteúdos e têm uma percepção ampliada sobre os assuntos. Se até aqui a escola e os agentes educativos se viam como “guardiões” do conhecimento, responsáveis por passá-lo de geração em geração, a tecnologia veio quebrar esse barreira e é por isso que os professores resistem tanto às novas tecnologias.

Outro dos motivos deve-se ao facto de, apesar de os alunos irem sempre com mais do que um professor a acompanhar a actividade, esta visita de estudo era feita, na maioria, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, o que resulta numa preferência pela elaboração escrita das notícias.

Por fim, considero que no *site* Media Lab Diário de Notícias o *workshop* “Faz o teu jornal” é o que está mais divulgado e é através dessa página que os docentes procuram a informação e fazem as inscrições.

4.2.1. Os riscos e as oportunidades da internet

Em Portugal, existe uma discrepância no que diz respeito ao acesso e ao uso das novas tecnologias. Se por um lado, segundo Cristina Ponte e Néilson Vieira (2007:12), as crianças e os jovens são apelidados como a “geração digital”, autónomos no

desenvolvimento das capacidades *online* e com conhecimentos tecnológicos superiores ao dos adultos, por outro lado também são vistos como vulneráveis e frágeis no processo do desenvolvimento social, no qual os meios de comunicação, e mais concretamente a internet, preveem um potencial risco.

É um facto que a internet é considerada como um benefício para as crianças e jovens, pois elimina muitas das limitações de tempo e de espaço que encontram no “mundo real”. As novas tecnologias aumentam o seu acesso à informação para fins educacionais, permitem o estudo em grupo e oferecem a oportunidade de contactar com outras pessoas, de qualquer sítio para qualquer sítio.

Contudo, e “apesar disso, influenciados pelos meios de comunicação, cuja atenção se centra muitas vezes nos perigos e riscos potenciais da Rede, e ligado a algumas experiências pessoais, os pais e a sociedade em geral têm vindo a mostrar grande preocupação sobre os aspectos menos úteis e de segurança que podem resultar do uso da Internet. Enquanto que somente uma parte mínima do material que se pode encontrar na Internet pode ser classificado como nocivo, essa pequeníssima fracção é enormemente visível e controvertida” (PONTE; VIEIRA, 2007).

Os limites dos riscos são subjectivos, bem como a sua definição, mas é óbvio que eles existem. É provável, tendo em conta a forma como as crianças, os jovens e os adultos utilizam a internet, que alguns se tenham exposto a conteúdos menos próprios ou obtido más experiências. Ainda assim, é preciso ter em conta, que é possível passar pelas mesmas más experiências nos meios de comunicação tradicionais e no “mundo real”.

"Existe uma associação forte e em sentido positivo entre as oportunidades e os riscos: aumentar as oportunidades, aumenta os riscos e, portanto, limitar o uso da Internet, diminui, não só os riscos, mas também as oportunidades. Por isso, é necessário colocar os riscos decorrentes do uso da Internet em destaque e oferecer uma valoração equilibrada dos diferentes enfoques que podem ajudar os pais e outros adultos a enfrentar esta questão de forma construtiva, em vez de se tomarem medidas de tipo restritivo ou limitativo" (PONTE; VIEIRA, 2007).

Desta forma, é necessário estabelecer um equilíbrio entre as oportunidades e os riscos, ainda que Cristina Ponte e Nélon Vieira defendam que esse equilíbrio pode ser contraditório. "Pode proteger-se as crianças dos conteúdos inapropriados sem lhes negar o acesso a conteúdos educativos, válidos e atractivos? Podem minimizar-se os perigos sem reduzir as oportunidades? Estas questões são o ponto capital do dilema com que nos defrontamos actualmente".

O Projecto "EU Kids Online", desses mesmos autores, assenta na perspectiva de que os riscos e as oportunidades, tanto na internet como fora dela, estão literalmente ligados. Nesse estudo, os autores defendem que, apesar de tudo, é preciso ter presente que a internet em si não é boa nem má, depende obviamente do uso que se faça da mesma.

É um facto que são os riscos que podem ter um grande impacto na vida social, emocional e física dos mais novos que causam uma maior preocupação. Contudo, segundo Cristina Ponte e Nélon Vieira, o maior risco da internet não vem do seu uso, mas sim do seu "não uso", já que a internet se tornou na ferramenta essencial de troca de informação do século XXI. Ou seja, os que não estão educados para interagir e comunicar com esta tecnologia ficam, obviamente, em desvantagem.

Como tal, e apesar do possível risco que representa, é, também e principalmente, uma oportunidade. Actualmente, é "um elemento chave na educação, iguala as classes sociais ao permitir o acesso às mesmas informações, possibilita a interacção com pessoas de outros países e culturas, serve como ferramenta integradora para os incapacitados e aumenta as possibilidades de entretenimento, entre muitas outras vantagens" (PONTE; VIEIRA, 2007).

Crianças e jovens passaram a utilizar cada vez mais este meio como uma fonte de informação, comunicação, socialização e entretenimento. A internet passou a permitir aos mais novos cultivar diferentes pontos de vista e a oferecer um acesso à informação mais igualitário a todos.

"Apesar das vantagens da Internet serem sobejamente conhecidas, considera-se oportuno destacar uma das principais oportunidades com que a Rede nos brinda e que tem, todavia, um longo caminho a percorrer: a oportunidade educativa. Uma das

perguntas que se coloca a este respeito é a seguinte: O acesso à Internet melhora o rendimento escolar? Ainda que não seja fácil separar os efeitos do acesso em si mesmo de outros factores, existem fortes indícios de que o acesso à Internet a partir de casa fortalece e acelera a aprendizagem” (PONTE; VIEIRA, 2007).

Este tipo de preocupação, que se manifestou com o aparecimento da internet, é também um fenómeno repetitivo, uma vez que se tiveram as mesmas preocupações acerca dos efeitos da televisão e dos videojogos nas gerações mais novas. E o mesmo aconteceu ao longo da história com o aparecimento de novos meios e técnicas de difusão, tais como o teatro, a imprensa, o cinema e a rádio.

A educação para os *media* surge assim como "uma forma de proteger as gerações mais novas dos eventuais efeitos nocivos dos *media*", e em particular dos novos *media*, uma vez que é passada uma "visão da criança que se pode caracterizar como indefesa, desprotegida, fortemente influenciável e vulnerável face aos conteúdos mediáticos" (FERREIRA, et al., 2011).

Tal como Manuel Pinto (2003:133) defende "se a implantação e o uso de tecnologias de informação e comunicação trouxessem consigo a Educação para os *Media* como que por decorrência inevitável, não teríamos neste momento motivos de preocupação”.

Conclusão

“A desregulamentação do sector audiovisual, o desenvolvimento e implementação da televisão por cabo, a proliferação dos videojogos e dos telemóveis, a internet e todos os meios que se têm vindo a desenvolver no seu âmbito, nomeadamente as redes sociais, trouxeram e permitiram novas formas de estar, de comunicar e de participar. A imersão cada vez maior dos *media* na vida pública e privada, intimamente relacionada com os desenvolvimentos tecnológicos – mais meios, maior oferta, mais capacidade de acesso, maior escolha por parte do consumidor – coloca em evidência a necessidade de preparar os cidadãos para saberem lidar, de forma crítica e criteriosa, com a panóplia de meios, de informações e de conteúdos ao seu alcance” (FERREIRA, et al., 2011).

Uma vez que essa preparação podia ser feita através das escolas, mas não o é, porque os conteúdos sobre literacia mediática não estão previstos de forma directa nos currículos escolares, segundo a Direcção Geral de Ensino e segundo os próprios agentes educativos, as escolas recorrem a outras iniciativas, existentes em Portugal para públicos jovens, como o Media Lab para colmatar essa lacuna.

O Media Lab tem um óptimo programa de literacia mediática e, de certo modo, oferece as respostas às directrizes lançadas pela UNESCO e pela Comissão Europeia. Tem a preocupação de alertar para o facto de se estar informado e, principalmente, para o facto de se saber estar, para que os jovens possam ser cidadãos de pleno direito, bem como estarem alertados para a importância das novas tecnologias, da internet e da comunicação no dia-a-dia, esses são os principais objectivos deste projecto.

Sendo que, tem a vantagem de proporcionar tudo isto de forma criativa e divertida, uma vez que os seus participantes “vestem a pele do jornalista”. Contudo, a iniciativa contém algumas limitações, nomeadamente não haver um período de debate entre os alunos e os formadores da equipa Media Lab para discutirem as ideias transmitidas na formação, o facto de os participantes não terem total liberdade de escolha na selecção das notícias para o seu próprio jornal e também a resistência que os professores têm em relação à produção de conteúdos multimédia por parte dos seus alunos.

É também importante referir que o Media Lab além de ser um projecto conceituado a nível da educação para os *media* é também no ensino do jornalismo, como profissão.

Independentemente do sítio, dentro ou fora da escola, o fundamental era que o sistema educativo, bem como a sociedade e os próprios *media*, promovessem a formação de consumidores críticos de informação, pois podemos afirmar que se “ontem, era o manual escolar que representava o símbolo da transmissão dos conhecimentos, hoje é sobretudo através dos *media* que apreendemos e aprendemos” (GONNET, 2007), “os *media* transformam-se progressivamente no novo suporte do conhecimento” (TORNERO, 2007).

Que os meios de comunicação têm então uma profunda influência na população, especialmente nos mais novos, é algo que se tornou inquestionável, mas não é só nas aprendizagens, é também nos comportamentos, na atenção, no aproveitamento

escolar e até nas formas de entretenimento. Por isso, em casa, é também função da família fazer com que as crianças e jovens compreendam os *media*.

“Nas últimas décadas, o desenvolvimento das tecnologias e dos *media* digitais, alargou e complexificou o leque dos desafios que enfrentam não apenas as crianças e os jovens mas, de forma mais geral, o conjunto dos cidadãos. A convergência de meios, a combinação de diferentes linguagens e o surgimento de novas, vieram adensar a necessidade de formar os cidadãos para saberem navegar no ecossistema mediático e comunicacional. A ideia da literacia, ou de cidadãos literados em relação aos *media*, foi-se consolidando nos últimos anos como uma necessidade e um requisito para a vida social e económica, uma dimensão fundamental para o desenvolvimento cultural e uma exigência para a cidadania activa” (FERREIRA, et al., 2011).

Em Portugal há projectos interessantes no que diz respeito à literacia mediática, no entanto é preciso mais, o cenário, em geral, está fragmentado e com poucos avanços. Esta disciplina tem tido pouca atenção e interesse, tem tido dificuldade em afirmar-se a nível pedagógico, cultural e político, sendo que é muitas vezes inserida, apenas, noutras áreas disciplinares.

Referências bibliográficas

AEEMA – Association Européenne pour l'Éducation aux Médias Audiovisuels (org.). *Les perspectives de l'éducation aux médias audiovisuels à la lumière des changements en Europe de l'Est actas do I Colóquio Internacional de Bad Marienberg*, 1992.

ÁVILA, P. *Literacia e desigualdades sociais na sociedade do conhecimento*. Oeiras: Celta, 2007.

ÁVILA, P. *A Literacia dos Adultos – Competências-chave na Sociedade do Conhecimento*. Oeiras: Celta, 2008.

BELL, Judith. *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva, 1993.

BENAVENTE, A., et al. *A Literacia em Portugal: Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CANDEIAS, Cátia; FAUSTINO, Paulo; MARTINHO, Rui; MARTINS, Filomena; RODRIGUES, Eloir. *Como utilizar a imprensa nas escolas*. Lisboa: Media XXI, 2007.

CARVALHO, Flaviane. *A primeira página de jornais portugueses à luz da análise multimodal*, 2008. Consultado a 09.08.2016. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5592/1/0873-0628_2008-026-000_00221-00243.pdf

CASTELLS, M. *El desafio tecnológico. Españã y las nuevas tecnologias*. Madrid: Alianza, 1996.

COITO, João. *Curso livre de jornalismo*. Tomar: Escola Superior de Tecnologia de Tomar Publicações, 1986.

Conclusões do Conselho Europeu, de 26 de novembro de 2012, sobre a literacia. Consultado a 12.09.2016. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ%3AC%3A2012%3A393%3A0001%3A0004%3APT%3APDF>

DAMÁSIO, Manuel José. *Práticas educativas e novos media*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2001.

DAMÁSIO, Manuel José. *Tecnologia e Educação. As tecnologias da informação e da comunicação e o processo educativo*. Lisboa: Vega, 2007.

DELICADO, Ana, et al. *Infância, crianças, internet: desafios na era digital*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

FERREIRA, José. *Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Senac, 2003.

FERREIRA, Tiago; PEREIRA, Luís; PEREIRA, Sara; PINTO, Manuel. *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2011.

GONNET, Jacques. *Educação para os Media: As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora, 2007.

KIRSCH, I.; JUNGEBLUT, A.; JENKINS, L.; KOLSTAD, A. *Adult Literacy in America: a First Look at the Results of the National Adult Literacy Survey*. Washington: National Center for Education Statistics, 1993.

KIST, W. *New Literacies in Action: Teaching and Learning in Multiple Media*. Nova Iorque: Teachers College Press, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo. O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto Editora, 2004.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the grammar of visual design*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996.

LEAVIS, F.R. e D. Thompson. *Culture and Environment*. Londres: Chatto and Windus, 1948 in ALVARADO, Manuel; BOYD-BARRETT, Oliver. *Media Education: an introduction*. Londres: BFI, 1992.

LIVINGSTONE, S., e outros. *Risks and Safety on the Internet: The Perspective of European Children. Full Findings*. Londres: EU Kids Online, 2011.

LOPES, Paula. *Educação para os media nas sociedades multimediáticas*. Consultado a 02.03.2016. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP108_Lopes.pdf

LOPES, Paula. *Literacia(s) e literacia mediática*, 2011. Consultado a 03.07.2016. Disponível em: http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP110_Lopes.pdf

MARTINS, Paulo. *Questões de literacia digital*, 2009. Dissertação de Mestrado consultada a 24.05.2016 na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

MASTERMAN, Len; FRANÇOIS, Mariet. *L' education aux médias dans l'Europe des années 90*. Strasbourg: Les Éditions du Conseil de l'Europe, 1994.

NERY, Isabel. *Política & Jornais*. Lisboa: Celta, 2004.

PARK, Robert. *News as Form of Knowledge: a Chapter in the Sociology of Knowledge*. The American Journal of Sociology, Vol. 45, pp. 669-685, 1940.

PEREIRA, Sara. *Educação para os Media e Cidadania*. Universidade do Minho, 2000. Consultado a 01.03.2016. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4768/1/Cidadania%2520e%2520Educa%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520para%2520os%2520Media.pdf>

PINTO, Manuel. *Correntes da Educação para os Media em Portugal* in Revista Ibero-americana de Educação 32, 2003.

PONTE, Cristina. *Leitura das Notícias. Contributos para uma análise do discurso jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

PONTE, Cristina; VIEIRA, Nélon. *Riscos e Oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. EU Kids Online Portugal, 2007.

POTTER, W. James. *Media literacy*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998.

REIS, F. *Da antropologia da escrita à literacia: Algumas reflexões sobre o Estudo Nacional de Literacia*, 1997. Consultado a 06.07.2016. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC8/8-6.pdf>

SANTOS, Maria. *A educação para os media no contexto educativo*. Lisboa: Ministério da Educação, 2003.

SELBER, S. *Multiliteracies for a Digital Age*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

TORNERO, José. *Comunicação e Educação na Sociedade de Informação. Novas Linguagens e Consciência Crítica*. Porto: Porto Editora, 2007.



Plano de estágio

Estagiária: Tânia Esteves - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa | Mestrado em Ciências da Comunicação - Estudos de Media e Jornalismo | Fevereiro, Março e Abril 2016

Objetivos Gerais

Proporcionar um trabalho acompanhado de iniciação à atividade profissional qualificada que, simultaneamente e de acordo com o plano previamente aprovado, assuma a natureza de trabalho final de mestrado.
Potenciar a reflexão de todo o processo de pesquisa, crítica e criação de conteúdos de media.
Promover o desenvolvimento de competências educativas, através do trabalho com escolas e outros públicos.

Objetivos Específicos

Apreender conteúdos relacionados a educação para a literacia mediática.
Participar em atividades relacionadas com jornalismo, comunicação e divulgação, tecnologia e educação.
Desenvolver competências como capacidade de decisão, iniciativa, espírito de equipa e proatividade.
Pesquisar conteúdos necessários ao desenvolvimento de novos *workshops*.
Apoiar crianças, jovens e adultos na elaboração de trabalhos.
Construir novos parâmetros que contribuam para a sua identidade profissional.

1. Caracterização da instituição

BrandMeaning - Empresa de comunicação responsável pelo desenvolvimento e implementação do projeto Media Lab nos Centros de Educação para a Literacia Mediática do Diário de Notícias e Jornal de Notícias.

Media Lab - Projeto de literacia dos media e de inclusão digital que: estimula a análise crítica da informação; desenvolve hábitos de pesquisa e de comunicação; capacita crianças, jovens e adultos para a produção de conteúdos de media e para a prática de uma cidadania plena e ativa. Para o efeito, desenvolve *workshops* que têm como ponto de partida a atividade "Faz o teu jornal". Os participantes criam, assim, as suas notícias que resulta no seu jornal de 1 ou 4 páginas ou noticiário vídeo, com as notícias do dia ou temáticas curriculares relevantes. "Aprender fazendo" é o mote deste projeto.

Local de estágio: no Edf. do Diário de Notícias. Av. da Liberdade em Lisboa e /ou na sede da Brandmeaning em Lisboa.

2. Duração e carga horária do estágio

O estágio curricular terá a duração de 3 meses.
Começa em 28 de fevereiro e termina em 28 de abril 2016.
Carga horária de 8 horas diárias, das 9h às 18h, com uma hora de almoço.

3. Programa / Fases

- Enquadramento do projeto (História; Objetivos; Iniciativas)
- Observação das atividades desenvolvidas
- Formação [preparação do centro; receção de grupos; introdução às várias atividades desenvolvidas (1.ª página; editorias; *videocast*; fotojornalismo; *blogue*; jornal escolar); apoio em mesa; formação com escolas (história do DN; literacia com e nos media; funcionamento da redação)]
- Participação e acompanhamento das atividades práticas do centro
- Participação em ações de divulgação do centro
- Pesquisa e elaboração de conteúdos para sítio, redes sociais e novos *workshops*
- Participação pontual em ações itinerantes do centro junto do público alvo
- Avaliação



4. Descrição da função e atividades desenvolvidas

Acompanhamento de várias atividades, na área das Ciências da Comunicação, com enfoque no jornalismo e na educação para a Literacia Mediática.

A- Acolhimento

- . Receção e acolhimento dos participantes, professores, oradores e parceiros

B - Acompanhamento

- . Acompanhamento e monitorização dos trabalhos dos participantes
- . Acompanhamento de atividades multimédia (*videocast*, fotojornalismo, *blogue*)
- . Acompanhamento de ações do centro de educação para os media no exterior

C - Pesquisa

- . Pesquisa de novos conteúdos para atualizar workshops existentes e desenvolver novos *workshops*
- . Escrita de conteúdos para site e redes sociais

D - Divulgação

- . Ações de comunicação e divulgação do centro junto do público alvo
- . Atualização de bases de dados

E - Formação

- . Participação nas sessões de formação

Critérios e Avaliação Final

A - Avaliação Quantitativa
(análise crítica de 1 a 5 das atividades desenvolvidas durante o estágio)

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

- Assiduidade e pontualidade - 5
- Motivação - 5
- Atitude crítica - 4
- Autonomia - 4
- Capacidade de resolução de situações de stress - 4
- Pró-atividade - 4
- Espírito de equipa - 5
- Capacidade de comunicação (interna e externa) - 4

CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS

- Apropriação de novos conhecimentos - 5
- Interesse pela inovação dos conteúdos: coerência na pesquisa de notícias - 5
- Interesse pela inovação dos conteúdos: atualizações redes sociais - 5
- Interesse pela inovação dos conteúdos: propostas de melhorias - 5
- Relacionamento com os vários tipos de público - 4
- Relacionamento com professores - 4
- Relacionamento com equipa - 5
- Organização do centro e logística - 5



COMPETÊNCIAS TÉCNICAS

Monitorização e apoio aos participantes - 5

Controle dos tempos durante a mecânica de trabalho - 5

Acompanhamento e correção dos conteúdos produzidos pelos participantes - 5

Termino de cada sessão - 5

FORMAÇÃO / APRESENTAÇÃO (N/A)

Entusiasmo e empatia

Fluidez do discurso

Linguagem corporal. Postura

À vontade

Exposição dos conhecimentos

Capacidade de inovação no discurso

Articulação dos conteúdos

B - Avaliação Qualitativa Final

A Tânia Esteves cumpriu os objetivos estipulados no plano de estágio, tendo tido um desempenho ao nível do “Muito Bom”. Destacou-se pelo profissionalismo com que recebeu escolas e executou as tarefas que lhe foram destinadas. Mais concretamente, e no que se refere à produção de conteúdos, Tânia mostrou um excelente domínio das técnicas jornalísticas. Conseguiu integrar-se na equipa com muita facilidade e, rapidamente, alcançou autonomia na execução das tarefas. Domina a área da literacia dos media, e, com facilidade, consegue conciliar as vertentes da educação e do jornalismo, essenciais ao projeto. Para além das características profissionais a Tânia destacou-se pela simpatia, serenidade e espírito de ajuda entre a equipa e participantes.

Responsável Projeto

Alexandre Varela Cid

Coordenação Centro

Matilde Ataíde

Anexo 2: Exemplo de uma primeira página de jornal

Diário de Notícias

www.medialab.dn.pt

Direção: Filipe Estevão / Bruno Miguel

Data: 28, Abril, 2016 Ano 1 N.º 43213 Valor: Gratuito



Estádio de San Siro, em Milão, vai receber final da Liga dos Campeões

6 mil taxistas protestam contra a UBER

Esta sexta-feira, 6 000 taxistas vão para as ruas nos vários pontos do país em modo de protesto

contra uma concorrência que dizem ser desleal. Em causa está a UBER que, segundo afirmam os

taxistas, escapa às licenças a que estão devidamente obrigados. A UBER não mostra

indignação em relação ao protesto, e já deu a sua resposta.



Família britânica agredida na Tailândia

Foram captadas filmagens de uma família britânica a ser fortemente espancada na Tailândia por um grupo de residentes. As agressões ocorreram ontem.

Alunos visitaram o Diário de Notícias

Cerca de 50 alunos da Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa deslocaram-se ao Diário de Notícias para aprender sobre o jornalismo.

Manchester United seduz Renato Sanchez

Segundo diz hoje o jornal O Jogo, Luís Filipe Vieira esteve em Manchester para discutir uma possível transferência do médio português Renato Sanchez.



PARCERIAS



PREMIO INTERNACIONAL



DESENVOLVIMENTO



Anexo 3: Exemplo de um jornal de quatro páginas

Diário de Notícias

www.medialab.dn.pt

Direção: Gonçalo Rodrigues / Tiago Santos

Data: 18, Abril, 2016 Ano 1 N.º 43084 Valor: Gratuito



Estádio de San Siro, em Milão, vai receber final da Liga dos Campeões

Presidente da República contra a ditadura

O Presidente da República visitou a cidade de Coimbra, a fim de agradecer o gesto dos estudantes. "A grande diferença é esta: em 69 o

Presidente da República negou a palavra aos estudantes. tarde de domingo, no edifício da Faculdade de Matemática, Marcelo citou uma ação

de Jorge Sampaio, tomando-se o segundo Presidente da República a apoiar os estudantes em honra da crise académica de 69.

Mourinho solicita jogadores

A imprensa inglesa garante que Mourinho está focado nas contratações da próxima época. Procurando assim jogadores como Renato Sanches e Ibrahimovic.



Ensino profissional visita o DN

Os alunos da Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa visitaram hoje o Diário de Notícias, situado na grande Lisboa, e realizam um jornal.

BE estuda o impacto da poluição aérea

O BE pediu um estudo a fim de verificar se o cumprimento das regras de prevenção da poluição ambiental estão a ser cumpridas pelas companhias.

Criança de 11 anos morre numa caminhada

No sábado, durante uma caminhada com o grupo de escuteiros em Chamusca, Santarém, uma menina de 11 anos ter-se-á sentido mal. Falecendo mais tarde.



PARCERIAS



APOIOS



DESENVOLVIMENTO





DN POLÍTICA

Bruxelas contra salário mínimo

Aumento do salário mínimo até 600 euros rejeitado



A Comissão Europeia considera o aumento do salário mínimo prejudicial para Portugal, pois impede a diminuição do défice estrutural em 0,6% do PIB. O governo pretende

fazer um ajustamento do PIB em 0,1% a 0,2% que, face às previsões internacionais de menor crescimento da economia, é considerado arriscado, também pela previsão do

executivo. Devido à situação do setor bancário português, a Comissão mostra-se preocupada, especialmente com a exposição de Portugal a Angola.

BE pede estudo da poluição no aeroporto

Estudo feito junto ao aeroporto a pedido do BE

Será discutido na terça-feira uma recomendação feita pelo Bloco de Esquerda, que pede um estudo "rigoroso e aprofundado" acerca da poluição ambiental aérea. BE diz que, devido ao aumento do tráfego no aeroporto há consequências graves para a saúde da população.

DN INTERNACIONAL

Mafioso detido ao receber uma pizza

"Homens das entregas" prendem mafioso

Um dos mafiosos mais procurados em Itália desde 2013, foi detido enquanto assistia a um jogo de futebol. Roberto Manganiello, na noite de sábado em Orta di Atella, perto de Nápoles, encomendou uma pizza, mas não esperava que esta lhe fosse entregue pelos detetives da polícia. Era conhecido por ser associado a uma das mais perigosas associações mafiosas italianas, também suspeito de um duplo homicídio em 2004.



400 desaparecidos em naufrágio

Naufrágio no mediterrâneo faz desaparecer migrantes

Estima-se que existem cerca de 400 pessoas desaparecidas depois de um naufrágio na costa do Egito. Os meios de socorro interviram de imediato conseguindo salvar cerca de 30 migrantes dos 400, a maior parte de origem somali. Os sobreviventes foram transportados para as ilhas gregas.



DN SOCIEDADE

Menina morre em caminhada

Participava em atividade de escuteiros



Menina de 11 anos faleceu no sábado, numa atividade de escuteiros na Chamusca. A escuteira sentiu-se mal, não resistindo a uma paragem respiratória. Quando o

INEM chegou ao local a jovem já se encontrava em paragem cardiorespiratória, ainda levou a levou para o Hospital de Abrantes mas já não foi possível reanimá-la. O corpo será

autopsiado esta segunda-feira. A família e os restantes jovens do grupo de escuteiros foram analisados por um psicólogo.

Novo lançamento da GoPro

OmniVR aposta na realidade virtual

Este fim-de-semana a marca GoPro lançou um vídeo no youtube onde mostra o novo modelo GoPro OmniVR que aposta na realidade virtual. A marca também lançou uma plataforma online onde será possível armazenar e partilhar as suas experiências com a Omni VR. Trata-se de um sistema com seis câmaras.

DN CULTURA

Escultura cabe no buraco de uma agulha

Obra comemora 400 anos da morte de Shakespeare

Willard Wigan desenvolveu uma obra que só é possível observar através de um microscópio. A obra intitula-se "Ver ou Não Ver". A escultura apresenta o dramaturgo William Shakespeare com um braço levantado e no

interior do buraco de uma agulha. O artista comemora os 400 anos da morte do dramaturgo britânico. A escultura encontra-se exposta no Light House Media Centre, em Wolverhampton, Inglaterra.



Axl Rose é o novo vocalista dos AC/DC

A banda estreia-se em Lisboa a 7 de maio

Axl Rose irá substituir Brian Johnson devido a graves problemas de audição. A informação foi divulgada no festival de Coachella, na Califórnia,

pouco depois do concerto dos Guns N'Roses, onde o artista atuou com um pé partido. "Por muito que queiramos que esta tourné chegue ao fim,

percebemos e respeitamos a decisão de Brian de parar para salvar a audição", referiu a banda.

DN ECONOMIA

EMEL arrecadou cerca de 21 milhões

Via pública continua a ser a principal fonte de receitas

A Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa (EMEL) arrecadou cerca de 21 milhões de euros com receitas de estacionamento na via pública e em parques, no ano passado, ganhando também quatro milhões com bloqueios e remoções, de acordo com o relatório e contas da empresa, a que a agência Lusa teve hoje acesso. Aqui incluem-se as receitas com estacionamento na via pública (17,65 milhões de euros) e em parques (3,49 milhões de euros), dos quais se destacaram os da Calçada do Combro.



Trabalhadores com novo anexo SS

Governo substitui antigo impresso

O Governo reformulou o anexo da segurança social, a preencher pelos trabalhadores independentes juntamente com o IRS a entregar em maio, determinando que o antigo impresso é revogado e o novo entra em vigor na próxima terça-feira.

DN DESPORTO

Mourinho prepara nova época

Renato Sanches e Ibrahimovic foram os escolhidos



José Mourinho já terá entrado em conversações sobre a contratação de Renato Sanches, jogador do Benfica, Zlatan Ibrahimovic, do Paris Saint-Germain, e John Stones, do Everton, para o Manchester United na próxima temporada. Essa é

a notícia que está a dominar a imprensa britânica nesta segunda-feira, dando mais uma vez como garantido que o treinador português irá suceder a Louis van Gaal no comando dos Red Devils na próxima época.

Leicester sem Vardy por duplo amarelo Internacional Inglês de fora

Após o jogo de ontem que levou o líder, Leicester City, com o West Ham a um empate, a equipa de Leicester vai estar sem Vardy nas próximas

jornadas da premier league. O líder da Premier League tem os Spurs a uma vitória dos 4 pontos.

Anexo 4: Exemplos de notícias realizadas para o DN *online*

Alunos constroem primeiras páginas no Media Lab DN



Alunas japonesa e senegalesa participam no projeto

O Media Lab recebeu, segunda-feira, 119 alunos da Escola Secundária Dr. Augusto César da Silva Ferreira, de Rio Maior, e duas alunas, uma japonesa e outra senegalesa, do See Learning Centre.

Os "novos jornalistas" tiveram a oportunidade de participar numa conversa informal, conduzida pela equipa Media Lab, acerca da evolução da comunicação e dos cuidados a ter quando se "navega" pela Internet. Além destes temas, os estudantes aprenderam como se faz a primeira página de um jornal. De seguida, foi exatamente esse o *workshop*, "Faz a tua 1.ª página" que realizaram.

A visita terminou com uma ida à redação do jornal onde, alunos e professores, puderam ver como tudo funciona e ouvir uma explicação sobre a organização do espaço.

O Media Lab, uma iniciativa do Diário de Notícias, é um centro educativo que desenvolve atividades no âmbito da literacia para os media. Os professores consideram-no um projeto "interessante" e "motivador" que "pode estimular os alunos para a leitura de jornais".

Pequenos e graúdos foram jornalistas por um dia



Duas escolas visitaram o Media Lab do DN

O Media Lab recebeu, esta quarta-feira, a visita do Externato A Palmeirinha, durante a manhã. À tarde, vindos de Tavira, foi a vez dos alunos da Escola Secundária Dr. Jorge Augusto Correia visitar o Diário de Notícias.

Do primeiro grupo chegaram 55 alunos, do 1.º ciclo, para realizar o *workshop* "Faz a tua 1.ª página". O segundo grupo, de 15 estudantes do 11.º ano, foi desafiado a realizar a mesma atividade, mas com outro nível de dificuldade.

Os "jornalistas do dia" tiveram, ainda, a oportunidade de visitar a redação do jornal, onde puderam ver como tudo funciona e ouvir uma explicação acerca da organização do espaço.

Para o professor vindo de Tavira, Luís Gonçalves, o projeto é "fascinante" e para ele basta este "adjetivo, não é preciso mais", para descrever a iniciativa.

O Media Lab DN é um centro educativo que desenvolve atividades no âmbito da literacia para os media, pretendendo alertar crianças, jovens e adultos para a importância do jornalismo e para a necessidade de se estar informado.